

“ANIMAIS SÃO AMIGOS, NÃO COMIDA”: Reflexões acerca do grupo de vegetarianos e veganos em Goiânia.¹

Fabíola Ribeiro Duarte (UFG/GO)²

“ENQUANTO AS MANEIRAS DE SER OU AGIR DE CERTOS HOMENS FOREM PROBLEMAS PARA OUTROS HOMENS, HAVERÁ LUGAR PARA UMA REFLEXÃO SOBRE ESSAS DIFERENÇAS QUE, DE FORMA SEMPRE RENOVADA CONTINUARÁ A SER DOMÍNIO DA ANTROPOLOGIA”. (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 26).³

Resumo

Uma movimentação importante dentro da antropologia vem ganhando forças nas últimas décadas: rediscutir as fronteiras ontológicas entre animais e humanos. O objetivo deste artigo é trazer à discussão algumas reflexões preliminares da pesquisa que está em andamento a respeito do grupo de Vegetarianos de Goiânia, que questiona a forma como os animais são tratados e utiliza de percepção, sentimento e empatia para enquadrar os animais não humanos na esfera de agentes sociais.

Palavras-chave: Teorias antropológicas contemporâneas, vegetarianismo, veganismo.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB. GT 009 - Antropologia das relações humano-animal

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Endereço eletrônico: <duarte.fabiola@yahoo.com.br>. Órgão financiador: CAPES. Orientadora: Janine Helfst Leicht Collaço.

³ LÉVI-STRAUSS, Claude. “A crise moderna da Antropologia”. In: Revista de Antropologia. Volume 10, n. 1 e 2, 1962. p. 19-26.

1. Introdução

Embora haja um discurso dominante dos médicos/nutricionistas acerca de alimentação saudável com base em proteínas de origem animal, existe um grupo que destoa dessa orientação e se recusa a comer carne por motivos éticos. Vegetarianos e veganos crescem de forma considerável em todo mundo. No Brasil, conforme uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em 2012, estima que são 15,2 milhões de adeptos ao vegetarianismo, ou seja, 8% da população⁴. Em Goiânia, esse grupo tem alcançado também visibilidade, visto que nos últimos dez anos cresceu de forma considerável os que se dizem adeptos a este tipo de alimentação, e multiplicaram também as opções de restaurantes e lanchonetes específicas para este público e outras que se adaptam fornecendo alternativas vegetarianas.

Os Vegetarianos de Goiânia é um grupo composto por integrantes vegetarianos e veganos que se conhecem por meio virtual através das redes sociais. No *Facebook* o grupo possui um pouco mais de dois mil membros. Em 2006, quando procurei grupos de vegetarianos na rede social utilizada na época (*Orkut*), encontrei os Vegetarianos de Goiás com três membros. Atribuo esse considerável aumento não apenas ao fato de terem crescido nesta proporção os vegetarianos na cidade, mas também o acesso à internet que aumentou de forma considerável nestes últimos dez anos, contribuindo para que eles pudessem se conhecer e se reunir. Como analisa Velho (2001) podemos falar hoje em “*(multi)civilização mundial, produto da flexibilização das fronteiras entre culturas ocorrida no mesmo processo*” (VELHO, 2001, p. 135). A página no *Facebook* hoje é seguida por 2.846 pessoas⁵. O grupo *WhatsApp* possui 256 membros. O grupo conta também com um *Blog*⁶ que mantém o Guia Vegetariano de Goiânia, onde os participantes sugerem as atualizações, os estabelecimentos que fecharam, abriram ou mudaram de local. Uma parte dos integrantes deste grupo virtual passam a se encontrar pessoalmente em reuniões mensais chamadas *Veganic*⁷, onde compartilham alimentação vegana e discutem a respeito de arte, consumo, filosofia e proteção aos animais. Os *Veganic's* acontecem na cidade de Goiânia em diversos locais: em parques públicos,

⁴ Informação disponível em <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Dia-Mundial-do-Vegetarianismo-8-da-populacao-brasileira-afirma-ser-adepta-ao-estilo.aspx>> Acesso dia 12.06.2016.

⁵ Informações atualizadas no dia 16.06.2016.

⁶ <http://vegetarianosdegoiania.blogspot.com.br/>

⁷ Evento popular entre vegetarianos e veganos em Goiânia, em formato de piquinique eles se reúnem para trocar informações e comida ao mesmo tempo.

casa de algum dos participantes ou até mesmo restaurantes e lanchonetes destinadas a este público.

As pessoas que compõem esses grupos, de maneira geral, se intitulam de “protetores de animais”, “defensores de animais”, “vegetarianos”, “abolicionistas animais”, “veganos”, “animalistas”. Dentro do grupo, se distinguem entre si por suas práticas alimentares: *vegetariano*, geralmente consome leite e ovos; ou *vegano*, não consome nenhum produto de origem animal, nenhum produto que foi testado em animais ou que tenha sido utilizado partes de animais em sua produção. Há múltiplas variedades de categorias adicionais, as mais comuns são: *ovolactovegetariano*, consome ovo e leite; *lactovegetariano*, consome leite; *ovovegetariano*, consome ovos; *vegetariano estrito*, não consome nenhum ingrediente de origem animal em sua alimentação, mas pode utilizar por vezes animais em vestimentas ou produtos que tenham sido testados; *frugívoro*, come apenas frutas; *crudívoro*, come frutas, verduras e sementes, tudo cru. O grupo não considera *semivegetariano* como uma categoria, embora seja extensamente utilizada esta categoria pela mídia. Os semivegetarianos seriam pessoas que são vegetarianas e comem peixe. Segundo o grupo, para ter a palavra vegetariano, deve-se pelo menos não comer carne de nenhuma espécie, mesmo que se mude as categorias entre comer ou não, leite e ovos, cru e cozido, sementes e frutos.

Discutiremos, nesta fase da pesquisa, os saberes e valores acumulados desta representação coletiva, que para se fortalecer e se proteger, perante uma maioria dominante que defende o consumo de carne, criam uma comunidade na qual o ponto comum de não comer carne se transforma em uma imensa rede de apoio e de solidariedade entre seus membros.

Em meu contato inicial com o grupo identifiquei que é um grupo heterogêneo e os integrantes possuem diferentes justificativas para não comer carne: alguns não comem carne por religião (motivos espirituais), outros não comem pela saúde (motivo saúde individual), alguns pelo meio ambiente (motivo responsabilidade com os desastres ambientais) e outra parte não come pelos animais (motivos éticos). Neste artigo vou focar principalmente nesta última categoria, os que não comem carne pelos animais, pois são os mais atuantes tanto *online* abrindo discussões sobre o movimento de defesa de animais e são os que geralmente se reúnem pessoalmente para conversar,

trocar informações e compartilhar alimentação vegana, mantendo uma rede de amizades com pessoas que compartilham um mesmo estilo de vida.

2. Vegetarianos Pelos Animais

“Animais são amigos, não comida” é uma frase recorrente neste grupo, ao dizê-la, integrantes do grupo querem apelar para nossa sensibilidade e demonstram que a motivação principal para se tornarem vegetarianos foi a identificação com o animal. Para eles, animais humanos e não humanos estão no mesmo patamar de consideração. Ou seja: todos pertencem ao reino animal. É muito comum encontrar imagens de cachorros e gatos ao lado de porcos e vacas onde se diz “Se ama uns, porque come outros?”.

Em 2001, o autor Otavio Velho, lançou um artigo que chama a atenção para um novo paradigma ecológico ao defender que a antropologia ecológica trouxe uma discussão acirrada sobre o que é Cultura e o que é Natureza. Retoma a discussão de que *“a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1971) - deslocou o foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para um ser-no-mundo”*, e que com essa noção afastou a percepção que o pensamento é essência do ser (sujeito cartesiano). E diz ainda que esse novo paradigma ecológico encurta a distância entre a natureza e a cultura:

“Não são atos comunicativos constataativos ou performativos (no sentido dado por Austin) que estão em jogo, mas emotivos – o referente do enunciado mudando em função do próprio enunciado (Reddy, 1997). A escolha por um dos lados (oposição ou não entre natureza e cultura) não é puramente objetiva, pois depende de inúmeros fatores em que o social e o individual se imbricam um no outro. E essa escolha é, de certa forma, política, por referir-se a modos de habitar o mundo, e não simplesmente representações”.
(VELHO, 2001, p. 136)

Podemos compreender essa análise ao observarmos o comportamento do grupo de vegetarianos, pois os hábitos estabelecidos em nossa sociedade são construções sociais e existem pessoas que não concordam com eles, e assim, acabam por destoar da cultura dominante. Criam suas próprias concepções, baseadas em teorias contemporâneas de relação animal e humano, e baseados na percepção, no sentimento e

na empatia, ao enquadrar o animal não humano numa esfera próxima ao do animal humano e assim, abranger seu campo, suas possibilidades. O novo paradigma ecológico abre uma porta “*não para a irracionalidade e sim para as ‘razões do coração’, expressão de Pascal, retomada por Bateson*” (VELHO, 2001, p. 137). Os Vegetarianos de Goiânia podem ser compreendidos, essencialmente, pelas razões do coração, embora travem uma luta no campo de disputa para uma visão holística do mundo e das relações entre os animais humanos e não humanos, para desconstruir o pensamento cartesiano.

O vegetariano primeiro toma uma atitude individual: não comer carne. Posteriormente, passa a almejar uma consciência coletiva, transmitir o conhecimento adquirido a outras pessoas, para que outros passem a não comer carne. Fazem isto através do que chamam “campanhas de conscientização”. Nestas ensinam os caminhos da transformação de hábitos, contando-lhes sobre sua experiência, e compartilhando o conhecimento adquirido a respeito de produtos alternativos ao consumo de carne, informações de como diminuir e abolir outros produtos de origem animal (leite, ovo, mel) e bandeiras que vão além das práticas alimentares (boicotar produtos que foram testados em animais e que utilizam algum ingrediente de origem animal em sua fórmula).

Os integrantes do grupo são contemplados pela análise de Ingold (1995) em que critica a tradição ocidental de criar dicotomias: *animalidade e humanidade, natureza e cultura, corpo e espírito, razão e emoção*. Ingold defende que essas correlações vieram das ciências naturais e entraram na nossa concepção de ser humano. Esse dualismo faz com que nos sintamos diferenciados. Darwin (1859), em sua teoria sobre a origem das espécies, diz que a origem do homem e sua evolução são produtos dos mesmos processos evolutivos responsáveis por toda a diversidade da vida no planeta. Inclui-se, portanto, os animais. Entretanto, a civilização ocidental faz o maior esforço para distinguir os conceitos do que é próprio do humano e o que é próprio do animal. Ingold (1995) nos faz refletir acerca da contradição do pensamento ocidental:

“Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral. E a cada geração somos lembrados, como se fosse uma grande descoberta, de que os seres humanos também são animais e que a comparação com os outros animais nos proporciona uma compreensão melhor de nós mesmos”. (INGOLD, 1995, p.1)

Acompanhando as discussões do grupo nas redes sociais pude perceber que os principais assuntos são: alimentação e empatia.

A alimentação está sempre presente no diálogo. No *WhatsApp*, por ser uma rede social mais fluida, eles postam fotos de praticamente tudo que comem durante o dia: café-da-manhã, almoço e jantar. Publicam as fotos e trocam receitas, o que rapidamente se perde nas centenas de comentários. Alimentação, trocas de receitas, mas também informações sobre curso de culinária veganos, dicas de palestras e cursos online sobre vegetarianismo. No *WhatsApp*, por ser uma rede mais interativa, é difícil acompanhar as conversas diárias, que chegam a ter mais de mil diálogos em um único dia.

No *Facebook*, os integrantes escolhem as informações mais importantes para postar. É uma rede um pouco mais sólida de informações. Nela, os integrantes escolhem publicar alguns sites de receitas culinárias, informações sobre eventos, notícias e entrevistas publicadas em sites e/ou jornais que são relevantes para a causa. Também divulgam a venda de comida e artigos veganos. Neste quadro encontramos menos diálogos, apenas as “curtidas” dos integrantes que gostam das informações recebidas.

O *Blog* contém informações mais concretas, que são atualizadas conforme as informações chegam aos organizadores. O principal intuito do *blog* é manter o Guia Vegetariano de Goiânia, que serve de orientação para veg's⁸ da cidade, trazendo os estabelecimentos que são vegetarianos e veganos e os que fornecem opções para este público. Nem todos os integrantes concordam em divulgar/frequentar os locais que apenas têm opções, pois, para eles, é o mesmo que financiar a exploração: dar lucro é incentivar o comerciante a ganhar dinheiro de qualquer forma, seja servindo animais, seja servindo opções para vegetarianos. Segundo os defensores do boicote a esses estabelecimentos, os veg's devem apenas financiar locais estritamente vegetarianos.

Há nessas redes sociais uma rede de solidariedade muito grande. Quando alguém entra no grupo e pede ajuda para “virar vegetariano” ou “virar vegano”, imediatamente aparecem dezenas de pessoas aptas a ajudar, para trocar experiências, seja dando dicas de como substituir ingredientes de origem animal, seja fornecendo uma lista de empresas livre de crueldade (*cruelty free*).

⁸ Assim os membros desses grupos chamam quando querem dizer vegetarianos e veganos ao mesmo tempo.

A empatia aos animais também é tratada extensamente nos diálogos. Os integrantes do grupo ficam indignados quando os animais não são levados em conta na esfera da consideração moral. Acompanhei discussões no sentido de como tratar bem e/ou tratar com respeito pessoas especistas⁹. Foi um diálogo com divergentes opiniões, com defesa de alguns integrantes de simplesmente não tolerar quando é chamada para um churrasco, Lisa¹⁰ diz: *“não sou obrigada a compactuar com o um rito que as pessoas se reúnem felizes em volta de um cadáver. Igualmente não posso tolerar participar de um ritual de estupradores, ou de pedófilos, ou de racistas”*. A indignação das pessoas que participaram do diálogo me chamou bastante atenção. Me recordei de uma frase do grupo que mantém um *site* Pelo Fim do Holocausto Animal¹¹ que diz que: *“Para os animais somos todos nazistas”*. Porém, essas discussões geram diferentes opiniões, entre os integrantes todos concordam com a correlação entre racismo, sexismo, homofobia e especismo.

Para eles, todas essas formas de classificação são entendidas como preconceitos baseados em aparência. O racista acredita que, por ter certa aparência, tem inteligência superior aos demais grupos e que, por isso, deve se sobrepor, deve ter privilégios e direitos diferentes. O sexista acredita que, por ser homem, possui inteligência superior a das mulheres, e por isso deve se sobrepor a elas. O homofóbico acredita que por ser heterossexual está correto, e que os homossexuais seriam desvios a se corrigir. O *Especista* acredita que por fazer parte da espécie humana possui inteligência superior a dos animais e por isso deve ser superior às outras espécies. Contudo, nem todos concordam com a forma que o especista deve ser tratado. Uma parte defende o diálogo, com uma postura mais pacifista, defendendo que precisam conviver com os outros grupos humanos e ser como Gandhi ensinou: *“Seja a mudança que você quer ver no mundo”*. Outros defendem que a forma de ir contra um preconceito arraigado na sociedade é sair para o enfrentamento, mostrar que não podem ser cúmplices, como na frase de Elie Wiesel *“Tome partido. A neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silêncio encoraja o torturador, nunca o torturado”*.

⁹ O termo “especismo” foi cunhado pelo psicólogo britânico Richard Ryder (1970) utilizado para denominar o preconceito entre espécies. Nas palavras de Ryder, em um artigo de 2005: *“The word speciesism came to me while I was lying in a bath in Oxford some 35 years ago. It was like racism or sexism - a prejudice based upon morally irrelevant physical differences”*. Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/uk/2005/aug/06/animalwelfare>> Acesso em: 17 de maio de 2016.

¹⁰ O nome da interlocutora foi alterado para preservar sua identidade.

¹¹ Disponível em < <https://oholocaustoanimal.wordpress.com/>> Acesso em: 19.05.2016

Extrapolando as fronteiras usuais da relação humano-animal utilizadas em nossa sociedade, onde o animal é visto com o viés de utilidade para o ser humano, os Veg's defendem que o animal deve ser tratado da mesma forma que humanos levando em conta a *igual consideração de interesses*¹², um princípio que significa que no que concernem aos direitos mínimos (a vida, a liberdade e não sofrer dano), os animais têm os mesmos interesses dos seres humanos e, assim, devem ser resguardados. Compreende-se que os animais assim como humanos são sujeitos de direito. O grupo sempre discute a respeito da singularidade humana, sobre a motivação que leva a humanidade a buscar sua singularidade, em detrimento dos animais, para obter justificativas plausíveis para continuar usando animais. Ingold (1995) retoma essa discussão e questiona a forma que os filósofos, na busca pela essência humanidade, refletem sobre ela. Diz: *“eles não se perguntaram sobre ‘o que faz dos seres humanos animais de determinada espécie?’ Ao contrário, eles invertem a pergunta, indagando: ‘O que torna os seres humanos diferentes dos animais, como espécie?’ ”* (INGOLD, 1995, p. 5). Segundo o autor, ao fazer isso a questão é alterada, torna-se pautada em cima da diferenciação, não das semelhanças. E é nesse pensamento radicalmente em torno de reafirmar o ser humano, enquanto humano e não animal, que se manifesta o antropocentrismo.

Caetano Sordi (2011) coloca como problemática a representação que os animais tiveram na antropologia durante os séculos, *“preferindo as abordagens representacionais (animais como símbolos) e funcionais (animais numa economia utilitária) em detrimento de uma perspectiva interacionista”*. (SORDI, 2011, p. 7). A afirmação em muito reflete o pensamento da nossa sociedade ocidental, pois os animais são utilizados em nossa sociedade em todos os níveis de comércio que exploram o trabalho que eles podem desempenhar. São utilizados para tração, por carroceiros. Criados em granjas industriais de ovos, fornecedores de laticínios, produtores de mel. Trabalham em circos, sendo adestrados para os espetáculos. Vivem aprisionados em zoológicos, para que sejam conhecidos pelos humanos. São utilizados em pesquisas de medicamentos e cosméticos. Comercializados diretamente, em troca de dinheiro: venda de animais domésticos de raça. Utilizados para o consumo da sua carne (por exemplo: galinhas, porcos, vacas, peixe) e o seu couro, para fazer vestimentas.

¹² Termo cunhado pelo filósofo Peter Singer (1975) em sua obra *Animal Liberation*, esse princípio sugere que aos seres sencientes deve ser conferido o direito de viver, não sofrer dor e à liberdade.

O ambiente urbano propicia um maior estranhamento por parte desses grupos de defesa de animais, por possuir singularidades específicas da sociedade moderna industrial, onde animais são confinados e amontoados em granjas e frigoríficos para, no fim, serem levados para a morte. Esse fim muitas vezes é questão de dias, como os frangos em granjas industriais, que demoram quarenta dias para serem levados ao abate. Em raros momentos que dedicamos para visitar fazendas, ou em roteiros de viagens, não temos um contato grande com animais, salvo o convívio doméstico, em geral cães e gatos¹³. É mais fácil manter um distanciamento entre nós e eles do que desenvolver algum tipo de simpatia, pois, do boi, utilizamos até os cílio. A produção de carne, geralmente, se dá em locais afastados dos grandes centros urbanos. É como um tabu: não podemos entrar, não podemos saber o que acontece ali dentro. No máximo cruzamos nossos olhares com o boi que está sendo levado ao abatedouro naqueles grandes caminhões quando estamos no trânsito. É comum ouvir diálogos entre vegetarianos e onívoros, em que o onívoro diz “*se eu tivesse que matar eu não comeria, mas já está morto*”. Sobre essa relação com os animais, principalmente no que concerne à alimentação, em geral, as pessoas preferem não falar.

Em sociedades tradicionais encontramos outras vivências da relação humano-animal. Viveiros de Castro (1996) traz que de acordo com a visão do perspectivismo ameríndio, o mundo é habitado por diversas espécies, humanas ou não humanas, que o entendem de forma distinta. Os animais se veem como pessoas, e em alguns momentos humanos se veem como animais. Cada espécie está neste mundo como uma roupagem diferente.

Ou em pequenas fazendas, geralmente mais afastadas do ambiente urbano, que uma família tem uma pequena propriedade e cria bois, vacas e galinhas em pequena quantidade, tem rituais para comer (ocasiões sociais), mas os animais são tratados com respeito em vida, onde os produtores chamam a cada um pelo nome, e há uma relação de familiaridade e de troca entre homens -animais.

Esbocei brevemente outras possibilidades de convívio entre animais e humanos que são complexificadas na sociedade industrializada, mas que nem sempre são consideradas pelos grupos de vegetarianos e veganos, pois há muitos conflitos no que

¹³ Ingold analisa algumas exceções que fazemos quando há um grande contato com animais, “*certamente, quando se trata dos poucos animais com os quais mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos.*” (INGOLD, 1995, p. 9).

entende por linhas teóricas e práticas de ação dentro o grupo. A discussão clássica dentro do grupo é entre bem-estaristas versus abolicionistas. Os bem-estaristas advogam pelo bem-estar dos animais, em uma movimentação internacional para dar uma vida mais digna ao animal antes dele ser morto, para que possam ser criados livres em pastos e, quando houver o abate, que ele seja rápido e sem dor. Estes têm um maior diálogo com o poder público, são mais tolerantes com alguns usos feitos dos animais na sociedade. Muitos são vegetarianos, não consomem carne, mas relativizam a utilização do leite e do ovo. Os abolicionistas têm uma posição mais radical, sua frase clássica é “*Não queremos gaiolas maiores, queremos gaiolas vazias*”, e só aceitam fazer parte de alguma movimentação política/social se o fim almejado for a abolição dos usos de animais: para eles não é ético nada que seja menos que vegano.

3. Notícias do mundo dos veg's

Depois da prova que os animais não são máquinas como diria Descartes, que veio com Charles Darwin (1874) ao trazer que animais não humanos são seres sensitivos, ou seja, sentem assim com os humanos, através da ação do sistema nervoso central, e a prova de que a superioridade humana não seria de tipo e sim de grau, assim como Morgan (1868) sugeriu em sua obra “O Castor Americano e Suas Obras”, defendendo que o funcionamento das mentes humana e animal são similares e que se diferencia apenas em grau (por exemplo, a construção de represas pelos castores), o movimento de Veg's gostaria que houvesse uma outra grande descoberta para que pudessem provar o que eles já sabiam através de percepção e empatia.

O dia 7 de julho de 2012 foi um importante dia para o movimento, que supriu suas expectativas. Neste dia um grupo de renomados neurocientistas cognitivos, neurofarmacologistas, neurofisiologistas e neurocientistas computacionais reuniram-se na Universidade de Cambridge para assinar um documento que ficou conhecido como *Declaração de Cambridge sobre Consciência*¹⁴. Neste documento afirmam que há consciência nos animais não humanos incluindo mamíferos, aves e muitas outras

¹⁴ A Declaração original
<<http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>> Acesso em: 01 de maio de 2016.

criaturas incluindo os polvos. Esses cientistas assinaram essa declaração de forma figurativa, para que deixe claro suas descobertas e abra espaço para discussão dentro da sociedade para o que fazer com esta informação.

A Declaração causou uma comoção entre os ativistas. Semelhantemente, foi feito no Brasil, no dia 7 de agosto de 2014, foi assinada a Declaração de Curitiba, no III Congresso Brasileiro de Bioética e Bem-Estar Animal. **Declaração de Curitiba**¹⁵:

“No dia 7 de agosto de 2014, durante o III Congresso Brasileiro de Bioética e Bem-estar Animal, os participantes, considerando as discussões e as ideias apresentadas, decidiram realizar a seguinte declaração:

‘Nós concluímos que os animais não humanos não são objetos. Eles são seres sencientes. Conseqüentemente, não devem ser tratados como coisas’”.

A declaração em Curitiba (PR) contou com a presença do neurocientista norte-americano Philip Low conhecido no mundo científico por ser idealizador da Declaração de Cambridge.

Notícias recentemente publicadas em todo mundo deixam bem otimista o movimento de defesa de animais. A França alterou o Código Civil e reconheceu os animais como seres sencientes¹⁶. A Índia reconheceu na justiça o direito à liberdade dos passarinhos, justificando que é violação do seu direito fundamental que é voar no céu e nenhum ser humano tem direito de detê-los em gaiolas¹⁷. E em Goiânia, foi proibido recentemente o comércio e produção de *foie gras* e qualquer produto alimentício que derive do método de alimentação forçada de animais¹⁸.

¹⁵ Informação disponível em < <http://portal.cfmv.gov.br/portal/noticia/index/id/3912>> Último acesso no dia 13 de maio de 2016.

¹⁶ Disponível em <<http://correiodobrasil.com.br/justica-proibe-passaros-criados-em-gaiolas-na-india/>> Acesso dia: 30 de maio de 2016.

¹⁷ Disponível em < <http://correiodobrasil.com.br/justica-proibe-passaros-criados-em-gaiolas-na-india/>> Último acesso no dia 11 de junho de 2016.

¹⁸ Lei Nº 9.818, De 13 De Maio De 2016, disponível em <http://www.goiania.go.gov.br/Download/legislacao/diariooficial/2016/do_20160516_000006325.pdf> Acesso em: 14 de junho de 2016.

4. Conclusão

Caetano Sordi (2011) pesquisou a respeito do movimento abolicionista no contexto gaúcho observa que o *“abolicionismo animal, levado às suas últimas consequências, introduziria uma mudança civilizacional sem precedentes na história humana, uma vez que a mobilização dos animais para diversos fins é um traço praticamente universal entre as culturas e sociedades humanas”*. (SORDI, 2011, p. 8). Mas os abolicionistas animais não estão preocupados com isso, pois dizem que os rumos da história já foram alterados algumas vezes, quando se entende que práticas consideradas comuns são inadmissíveis, como é o caso da escravidão, da homofobia e do sexismo. Sendo assim, o movimento almeja que o especismo seja debatido e condenado de forma semelhante a qualquer outro preconceito baseado em aparência.

A ressignificação do termo animal conforme requerido pelo grupo de vegetarianos em Goiânia é que sejam tratados juridicamente e simbolicamente como agentes sociais. Eles tomam para si o papel de “vozes dos animais”, e essa voz deseja alcançar a todos os humanos, para que sejam alterados os comportamentos que estão fixados na tradição de comer animais e/ou para outros fins. Para tanto, é preciso abrir a mente e o “coração” para a nova ordem civilizacional que este grupo está chamando a atenção, que pode ou não acontecer. Contudo, com o crescimento e união deste grupo, a cada dia vai se tornar mais difícil não pensar no assunto. Segundo a produção cinematográfica mais aclamada pelos ativistas dos direitos animais *“Os três estágios da verdade: 1. Ridicularização; 2. Oposição violenta; 3. Aceitação.”* (Frase de introdução do filme *“Terráqueos”*¹⁹).

Por esta pesquisa estar em fase inicial, neste momento tratei o grupo Vegetarianos de Goiânia com o conceito Durkhemiano de representação coletiva²⁰, que vai ao encontro ao que percebi até o momento dentro o grupo, onde os saberes e a experiência acumulados por vegetarianos e veganos são transmitidos uns para os outros, em uma teia de informação e colaboração.

¹⁹ Terráqueos é um filme-documentário sobre a dependência da humanidade em relação aos animais. O filme mais conhecido e indicado pelos defensores de direitos dos animais. Disponível em: <<http://www.terraqueos.org/>> Acesso em: 14 de junho de 2016.

²⁰ *“As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam sua experiência e seu saber”*. (DURKHEIM, 1996, p.XXIII)

5. Referências Bibliográficas

CAETANO, Sordi. O animal como próximo: Por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. *Cadernos IHU ideias* [online]. São Leopoldo: RS, n. 147, p. 1-28, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2, pp. 115-144

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. 1 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. *Rev. Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 1995, v.10, n.28, p. 1-15.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Rev. Tempo Social* [online]. v. 17, n 2, p. 173-205, Nov, 2005. ISSN: 0103-2070

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2010.

VELHO, Otávio. DE BATESON A INGOLD: PASSOS NA CONSTITUIÇÃO DE UM PARADIGMA ECOLÓGICO. *Mana* [online]. 2001, vol.7, n.2, pp. 133-140. ISSN 0104-9313.

_____. ANTROPOLOGIA URBANA: Encontro de tradições e novas perspectivas. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS* [online], 2009, n. 59, 2009, pp.11-18.